

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BRENDA DIAS OLIVEIRA

**COMPREENSÃO DOS DÉFICITS DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA SOB A PERSPECTIVA DA
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA: Uma revisão da literatura**

JUAZEIRO DO NORTE – CE
2024

BRENDA DIAS OLIVEIRA

**COMPREENSÃO DOS DÉFICITS DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA SOB A PERSPECTIVA DA
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA: Uma revisão da literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Marcos Teles do Nascimento

BRENDA DIAS OLIVEIRA

**COMPREENSÃO DOS DÉFICITS DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA SOB A PERSPECTIVA DA
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA: Uma revisão da literatura**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 24 /06 /2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. Marcos Teles do Nascimento / UNILEÃO

Membro: Profa. Esp. Nadyelle Diniz Gino / UNILEÃO

Membro: Me. Nayra Gonçalves Bezerra De Menezes / UNIVASF

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

COMPREENSÃO DOS DÉFICITS DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA: Uma revisão da literatura

Brenda Dias Oliveira¹
Marcos Teles do Nascimento²

RESUMO

A partir do aumento da informação e o desenvolvimento de diagnósticos mais precisos, observou-se nos últimos anos o crescimento nos índices de prevalência e incidência para o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Dessa forma, a pesquisa buscou compreender os déficits de habilidades sociais em crianças com TEA, enfatizando como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) pode contribuir para o desenvolvimento deste repertório. Para isso, foi realizada uma revisão de literatura, de natureza exploratória e descritiva, com análise de dados qualitativa, utilizando as bases de dados do Google Acadêmico e Scielo, e repositórios institucionais. Os dados foram analisados através da categorização dos achados em três vertentes: características diagnósticas do TEA; habilidades sociais; e Análise do Comportamento Aplicada; o que possibilitou a combinação de informações relevantes. Nos resultados foi possível visualizar que a análise funcional é fundamental no entendimento dos déficits e excessos da criança para, assim, aplicar o treino de habilidades sociais. E estratégias como o Treino por Tentativas Discretas (DTT) e o Ensino Incidental e Naturalístico são bastante utilizados, além de ferramentas alternativas como histórias sociais, vídeo modelagem e plataformas digitais de aprendizagem, que contribuem com a aquisição e generalização de repertórios, e o desenvolvimento de autonomia e qualidade de vida para esse público. Logo, conclui-se que a pesquisa avaliou e interpretou os estudos do campo de habilidades sociais na infância, considerando as particularidades de crianças autistas; e trouxe a discussão sobre a reestruturação da ABA para atender a comunidade de maneira mais efetiva.

Palavras-chave: Autismo. Habilidades sociais. Análise do Comportamento Aplicada. Análise funcional. Inclusão social.

ABSTRACT

With the increase in information and the development of more accurate diagnoses, the prevalence and incidence rates for Autism Spectrum Disorder (ASD) have increased in recent years. Thus, research has sought to understand social skill deficits in children with ASD, with an emphasis on how Applied Behavior Analysis (ABA) can contribute to the development of this repertoire. To this end, an exploratory and descriptive literature review with qualitative data analysis was conducted using the Google Scholar and Scielo databases, as well as institutional repositories. The data were analyzed by categorizing the findings into three strands: diagnostic characteristics of ASD, social skills, and applied behavior analysis, which allowed the combination of relevant information. The results showed that functional analysis is fundamental to understanding the child's deficits and excesses in order to apply social skills

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: brenadiasoliveira96@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: marcosteles@leaosampaio.edu.br

training. And strategies such as Discrete Trial Training (DTT) and Incidental and Naturalistic Teaching are widely used, as well as alternative tools such as social stories, video modeling and digital learning platforms, which contribute to the acquisition and generalization of repertoires and the development of autonomy and quality of life for this population. Therefore, it is concluded that the research evaluated and interpreted studies in the field of social skills in childhood, considering the particularities of autistic children; and brought the discussion of restructuring ABA to serve the community more effectively.

Keywords: Autism. Social Skills. Applied Behavior Analysis. Functional Analysis. Social Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a discussão acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem crescido consideravelmente e, com isso, os diagnósticos, que promovem o aumento da procura por informações e tratamentos que auxiliem as famílias no processo de avaliação e intervenção. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais - DSM-5-TR (APA, 2023), o TEA, caracteriza-se como um transtorno do neurodesenvolvimento que acompanha os sujeitos desde o seu nascimento, podendo ser influenciado por fatores de risco ambientais e genéticos. Considera-se o recorte de risco, já que ainda não se obteve confirmação etiológica do mesmo, isto é, os estudos que apontem uma causa exata para a manifestação do TEA (Teixeira, 2016).

Além disso, avalia-se que o diagnóstico do autismo é multidisciplinar e deve ser precoce, tendo em vista os primeiros sinais na criança, de acordo com os marcos do desenvolvimento, para que haja maior garantia do acesso a um tratamento efetivo (Brasil, 2014). No mais, sabendo que este transtorno afeta as crianças em áreas imprescindíveis para a convivência na sociedade, no que diz respeito à interação e comunicação social (APA, 2023), é importante investigar a relação de tais áreas com as habilidades sociais.

Segundo Zilda Del Prette e Almir Del Prette (2013), especialistas na área de habilidades sociais, estas são construídas diante da relação do sujeito com o mundo e com as demais pessoas. Diante disso, tais classes de comportamentos ditam o quão habilidoso o sujeito pode ser socialmente, de modo que tenha acesso a reforçadores sociais, ou seja, consiga atingir algum objetivo naquela interação. Os autores ainda trazem que esse objetivo ou desempenho estaria ligado a interesses pessoais, ações, pensamentos e sentimentos, associados ao que é pregado culturalmente como esperado ou não, de acordo com valores e regras sociais; e está atrelado ao conceito de competência social, que indica o grau de adaptabilidade psicossocial e funcionalidade do indivíduo frente a uma demanda interpessoal,

em detrimento de um repertório deficitário que pode influenciar ou estar associado ao adoecimento psicológico.

Dessa forma, percebe-se que a competência social é fundamental para o desenvolvimento saudável das crianças, já que a falta de tal repertório pode desencadear transtornos psiquiátricos diversos ou estar associada a um prognóstico menos efetivo de um transtorno específico, como o autismo (Del Prette; Del Prette, 2013). Considerando que esta população costumeiramente estigmatizada, sofre com a falta de oportunidades e de inclusão social, associadas a comportamentos desadaptativos, que dificultam a aproximação de seus pares, assim como sua autonomia, autocuidado e resolução de problemas (Sella; Ribeiro, 2018).

E cabe aqui, ressaltar, a aplicação da ciência comportamental ou Análise do Comportamento Aplicada (ABA), que está fundamentada em princípios do behaviorismo radical, e em tecnologias que podem auxiliar no processo de aprendizagem em crianças com autismo; sendo imprescindível, com isso, a intervenção precoce, a qual pode garantir maior qualidade de vida às crianças e à suas famílias, mediante o desenvolvimento de seu repertório social (Gomes; Silveira, 2016; Sella; Ribeiro, 2018).

Nesta conjuntura, a pesquisa buscou responder ao seguinte questionamento: Como a ABA pode ser um modelo terapêutico que desenvolva repertório de habilidades sociais em crianças com TEA? Assim, a possibilidade de que haja treinos de habilidades sociais, que gerem maior competência social em crianças autistas, pode surgir como um fator protetivo e para um melhor prognóstico frente a demandas sociais e individuais (Del Prette; Del Prette, 2013).

Com base no exposto, ressalta-se que o estudo foi planejado de acordo com os interesses da autora acerca da temática discutida, os quais, surgiram durante a sua experiência em estágio com crianças neurodiversas, por meio de avaliações e intervenções supervisionadas. Deste modo, diante do panorama atual, em que a prevalência e a incidência de casos do Transtorno do Espectro Autista surge de forma mais acentuada (André *et al.*, 2020 *apud* Vasconcelos *et al.*, 2023), percebe-se a relevância em pesquisar e aprofundar o conhecimento acerca desse público, que precisa ser melhor assistido em todos os âmbitos.

Logo, como passo para que haja uma mudança social significativa, que parte do acesso à informação pela comunidade, justifica-se a relevância da pesquisa, levando em consideração a possível relação entre a aquisição de habilidades sociais e o TEA, e a ciência ABA como eventuais facilitadoras no desenvolvimento de comportamentos pró-sociais, de autonomia e do aumento da qualidade de vida em crianças autistas.

Diante do mencionado, o objetivo da pesquisa foi compreender os déficits de habilidades sociais em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), enfatizando como a Análise do Comportamento Aplicada contribui para o desenvolvimento deste repertório. E, para isso, foram analisadas as características de desenvolvimento no TEA, destacando os déficits na comunicação e interação social; descrito o que são habilidades sociais, ressaltando como os déficits nesse repertório podem afetar crianças com autismo; e investigada a relação entre a aquisição de habilidades sociais em crianças com TEA e a Análise do Comportamento Aplicada (ABA).

2 METODOLOGIA

A pesquisa é uma revisão de literatura, de natureza exploratória e descritiva, com análise de dados qualitativa. Optou-se pelo método qualitativo visando maior compreensão sobre a temática e o direcionamento da pesquisa em um arranjo interpretativo, considerando discussões de alcance significativo levantadas pelas obras analisadas. O estudo utilizou como fontes de fundamentação teórica, livros, ebooks, artigos científicos e dissertações de mestrado encontrados nas bases de dados do Google Acadêmico e Scielo (indexadores de revistas e periódicos), assim como em repositórios institucionais.

Para isso, foram consideradas obras datadas nos últimos 10 anos visando a coleta de informações mais recentes sobre a temática. No entanto, também foram utilizados materiais mais antigos tendo em vista a relevância de seus achados em consonância à pesquisa, como Carvalho Neto (2002); Caballo (2003); Facion (2005); Moreira e Medeiros (2007); Bolsoni-Silva e Carrara (2010); Del Prette e Del Prette (2013); Gresham (2013); e Sanini, Sifuentes e Bosa (2013).

Os descritores utilizados durante as buscas englobam: “habilidades sociais”, “autismo”, “déficits em habilidades sociais”, “autismo em crianças”, “análise do comportamento aplicada”, e “inclusão social”. E foram feitas combinações com os descritores para ampliar o acesso a materiais direcionados à temática, com as seguintes variações: “habilidades sociais e ABA”, “habilidades sociais e autismo”, “análise do comportamento aplicada e autismo”, “déficits em habilidades sociais em autistas” e “inclusão social de crianças com TEA”.

À vista do mencionado, os dados foram analisados através da categorização dos achados em três vertentes associadas à temática: características diagnósticas do TEA; habilidades sociais; e Análise do Comportamento Aplicada. Isso possibilitou o arranjo de

informações que respondessem à problemática da pesquisa, viabilizando a inclusão de materiais com conteúdo relevante para a fundamentação do texto, em língua portuguesa e inglesa, sendo utilizadas 2 pesquisas em inglês. E a exclusão de dados que não se associavam ao tema ou traziam poucas informações para o desenvolvimento deste.

3 AUTISMO: HISTÓRICO, TERMINOLOGIA E DIAGNÓSTICO

Segundo Correia, Alves e Ferreira (2023), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) nem sempre foi reconhecido com tal nomenclatura, já que esta classificação foi desenvolvida na atualidade, com a criação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), as quais possuem várias edições e revisões acerca do tema. Dessa forma, cabe enfatizar como essa terminologia foi sendo desenvolvida ao longo da história e o modelo diagnóstico atual.

O primeiro estudo acerca do autismo foi viabilizado em 1911, pelo psiquiatra suíço Paul Eugen Bleuler, influenciado pela psicanálise, o qual destacou a semelhança de suas características comportamentais com a esquizofrenia, já que, dissociavam-se da realidade, evitando o mundo exterior (Vasconcelos *et.al*, 2023; Ferreira, 2018). O psiquiatra alemão Leo Kanner, discordava de Bleuler e, ao publicar seu artigo intitulado “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, em 1943, o autismo passou a ser considerado um transtorno clínico específico, diferenciando-se da esquizofrenia, haja vista, que a manifestação autística se dava desde a primeira infância (Correia; Alves; Ferreira, 2023; Araújo; Silva; Zanon, 2023).

Concomitante aos achados de Kanner, em 1944, o pesquisador e psiquiatra Hans Asperger, publica o seu trabalho sobre “Psicopatia Autística na infância”, no qual descreve o quadro de crianças que tinham dificuldades em se relacionar com o ambiente. Asperger observou que pessoas com autismo tinham comportamentos estereotipados e repetitivos; apresentavam inquietude, pouca expressão facial e gestual; e tinham a sua linguagem afetada (Brasil, 2015). Além disso, de acordo com Ferreira (2018), teriam dificuldades associadas à compreensão das emoções e inflexibilidade à mudança. A autora ressalta, ainda, que Asperger também enfatizou que algumas crianças apresentavam inteligência excepcional, mostrando que o TEA é manifesto distintamente entre os indivíduos; e isso resultou nos estudos acerca da Síndrome de Asperger.

Outra precursora fundamental na história da construção do conhecimento acerca do TEA, foi a pesquisadora e psiquiatra Lorna Wing, que iniciou seus trabalhos devido a ter uma

filha com autismo, participando da organização da National Autistic Society, em 1962 (Brasil, 2015). Entre as décadas de 70 e 80, Wing ainda trouxe o olhar para o autismo como um *spectrum* (Facion, 2005), e foi uma das primeiras médicas a difundir pesquisas sobre as variáveis genéticas que podem influenciar no autismo, sabendo que naquela época outras postulações coexistiam com métodos científicos, como a teoria da mãe geladeira do psicanalista Bettelheim, que culpabilizava as mulheres pela condição de isolamento social dos filhos; e algumas concepções de Kanner, que também traziam a falta de afeto e disponibilidade emocional dos pais como fator desencadeante do comportamento de crianças com autismo (Liberalesso, 2020).

Ainda, segundo Ponce e Abrão (2019), foi Lorna Wing que traduziu as obras de Asperger e iniciou o uso do termo “Síndrome de Asperger”, em 1976, para categorizar o autismo; e em 1979, junto com Judith Gould, pôde definir o que seria conhecido como a “triade do autismo”, a qual é seguida nos manuais diagnósticos até os dias atuais para descrever e caracterizar os principais sintomas e critérios nosológicos para o autismo, antes considerado uma síndrome. Os autores trazem que a triade agrupa características da síndrome que impactam o desenvolvimento do indivíduo em três áreas: compreensão e interação social; comunicação e imaginação; interesses e comportamentos restritos. Com base nisso, é relevante salientar sobre os achados nosológicos e descritivos do TEA na contemporaneidade.

Avaliando o histórico do transtorno discutido, cabe enfatizar a adesão dos manuais de psiquiatria ao uso e categorização do termo “autismo”, que repercute no desenvolvimento dos critérios diagnósticos e observação comportamental frente a demandas sociais. Em consonância com Ponce e Abrão (2019) e Liberalesso (2020), as primeiras edições do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, ainda não traziam o autismo em seu escopo nosológico, mas apenas o diagnóstico de esquizofrenia ou psicose infantil. Os autores ainda destacam, que esse transtorno já foi incluído em seções relativas aos transtornos invasivos do desenvolvimento e transtornos globais do desenvolvimento.

Nas últimas edições do manual, o TEA foi alocado na seção de Transtornos do Neurodesenvolvimento, por ter sua aparição logo na infância, quando surgem os primeiros sinais de alerta para pensar-se em um possível diagnóstico (Assumpção Jr; Kuczynski, 2018). Esses sinais refletem diretamente no funcionamento da criança, haja vista que esta pode ter o desenvolvimento típico até dado momento, e começar a regredir, perdendo habilidades sociais. Assim como, poderá apresentar atrasos significativos em comportamentos que são esperados para crianças da mesma idade, com base nos marcos do desenvolvimento infantil,

os quais servem para nortear a avaliação de profissionais da saúde acerca da presença ou não de possíveis transtornos ou comorbidades em bebês e crianças (Teixeira, 2016).

Além disso, a observação de possíveis atrasos comumente pode ser feita para crianças em idade escolar, mediante a avaliação dos professores que as acompanham. Tais atrasos são mais comuns em domínios ligados a aspectos físicos ou motores e cognitivos, interferindo na comunicação (linguagem verbal e não verbal) e interação social da criança; assim como, nos aspectos ligados ao interesse por rotina inflexível, brincadeiras e movimentos repetitivos e estereotipados, e déficits sensoriais como hiper ou hipo sensibilidade a luz, ao toque, a sons altos ou barulho (Gaiato; Teixeira, 2018).

Com a publicação do DSM-5, houveram mudanças significativas para o diagnóstico do transtorno. Foram divididos alguns critérios em 2 grupos, que classificariam ou não a manifestação do TEA no indivíduo, sendo eles: (a) déficits persistentes na comunicação e na interação social verbal e não verbal em múltiplos contextos; e (b) padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Liberalesso, 2020).

Lembrando, que todos os aspectos mencionados são critérios que apontam o risco para a definição do diagnóstico do TEA, mas eles não devem ser avaliados isoladamente, já que ali existe um sujeito com particularidades e uma história de vida, que o diferencia de seus pares. Assim, é relevante salientar que nem sempre a criança com autismo apresenta dificuldades em todas essas áreas de forma equivalente a outras, já que cada indivíduo tem marcadores biológicos, sociais e individuais específicos que influenciam no nível em que se encontra, podendo ter necessidades diferentes das demais (Teixeira, 2016).

Diante deste dado, ressalta-se que a versão mais recente do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, DSM-5-TR (APA, 2023), enfatiza que o autismo se caracteriza por déficits na comunicação e interação social, verbal e não verbal; padrões de comportamento e de interesses restritos e repetitivos como estereotípias; e hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais. Pode ser especificado, ainda, por meio de três níveis de suporte, desde um suporte leve a um suporte muito substancial. Sabendo dessas características e da necessidade de adaptabilidade ao meio social na infância, cabe enfatizar, ao longo do próximo tópico, a conceituação das habilidades sociais e seu desenvolvimento nos primeiros anos de vida.

4 HABILIDADES SOCIAIS

As habilidades sociais são classes de comportamento direcionadas para um objetivo proveniente de uma interação social, e cumprir ou não este objetivo ditaria o grau de competência e desempenho social do sujeito. Logo, tais habilidades são modos de uma pessoa agir perante ao meio, que podem produzir consequências reforçadoras através da aprovação de terceiros, os quais comumente agem em conformidade com as normas de convivência vigentes em determinado local ou cultura (Del Prette; Del Prette, 2017).

Caballo (2003), traz que o ser humano é um “ser social”, tendo em vista a necessidade biológica e psicológica de criar laços e relacionar-se com o meio. Tal aspecto é manifesto por meio de comportamentos considerados adequados ou não, a depender do contexto. Então, a ideia de um modo de agir “correto” não é engessada, mas sim, relacional, já que as habilidades sociais são avaliadas dentro de um cenário variável, que depende de fatores culturais, padrões de comunicação, valores, e da situação em si, que pode mobilizar competências sociais diferentes ou similares para pessoas diferentes; assim como, formas de agir diferentes (topografias) voltadas para o mesmo objetivo (função comportamental).

Ainda, é válido enfatizar, que para além do encadeamento de habilidades sociais, o desempenho social da pessoa envolve aspectos cognitivos e afetivos, que são atestados de modo não observável, por meio de pensamentos, sentimentos, autoeficácia, autorregras, objetivos e padrões de realização. Desta forma, um desempenho socialmente competente viabiliza a coerência entre aquilo que o sujeito sente, a forma como ele age e as regras sociais vigentes, ou seja, deve haver articulação entre os comportamentos observáveis ou abertos e os encobertos ou privados (Del Prette; Del Prette, 2017).

Esses padrões comportamentais são vastos e se diferenciam diante classificações, as quais, de forma geral, podem englobar a expressão apropriada de sentimentos negativos, habilidades de comunicação, resolução de problemas interpessoais, cooperação e defesa dos próprios direitos (Bolsoni-Silva; Carrara, 2010). Nesse sentido, entende-se que o campo de estudos em habilidades sociais envolve uma complexidade de fatores associados a responsividade social, que interfere significativamente em vários âmbitos na vida do indivíduo; e por isso, é fundamental que sejam pensadas estratégias para o desenvolvimento de tal domínio na infância de forma precoce, devido a plasticidade do comportamento social (Del Prette; Del Prette, 2013).

À vista do exposto, Zilda Del Prette e Almir Del Prette, fizeram um arranjo de comportamentos e ampliaram a noção de habilidades sociais dividindo-as em sete categorias prioritárias para o desenvolvimento interpessoal infantil:

Tabela 1. Classes e subclasses de habilidades propostas como relevantes na infância.

Classes	Principais subclasses
Autocontrole e expressividade emocional	Reconhecer e nomear as emoções próprias e dos outros, controlar a ansiedade, falar sobre emoções e sentimentos, acalmar-se, lidar com os próprios sentimentos, controlar o humor, tolerar frustrações, mostrar espírito esportivo, expressar as emoções positivas e negativas.
Civildade	Cumprimentar pessoas e despedir-se, usar locuções como: por favor, obrigada, desculpe, com licença, aguardar a vez para falar, fazer e aceitar elogios, seguir regras ou instruções, fazer e responder perguntas, chamar o outro pelo nome.
Empatia	Observar, prestar atenção, ouvir e demonstrar interesse pelo outro, reconhecer/inferir sentimentos do interlocutor, compreender a situação (assumir perspectiva), demonstrar respeito às diferenças, expressar compreensão pelo sentimento ou experiência do outro, oferecer ajuda, compartilhar.
Assertividade	Expressar sentimentos negativos (raiva e desagrado), falar sobre as próprias qualidades ou defeitos, concordar ou discordar de opiniões, fazer e recusar pedidos, lidar com críticas e gozações, pedir mudança de comportamento, negociar interesses conflitantes, defender os próprios direitos, resistir à pressão de colegas.
Fazer amizades	Fazer perguntas pessoais e responder perguntas oferecendo informação livre autorrevelação), aproveitar as informações oferecidas pelo interlocutor, sugerir atividade, cumprimentar, apresentar-se, elogiar, aceitar elogios, oferecer ajuda, cooperar, iniciar e manter conversação (“enturmar-se”), identificar e usar jargões apropriados.
Solução de problemas interpessoais	Acalmar-se diante de uma situação problema, pensar antes de tomar decisões, reconhecer e nomear diferentes tipos de problemas, identificar e avaliar possíveis alternativas de solução, escolher, implementar e avaliar uma alternativa, avaliar o processo de tomada de decisão.
Habilidades acadêmicas sociais	Seguir regras ou instruções orais, observar, prestar atenção, ignorar interrupções dos colegas, imitar comportamentos socialmente competentes, aguardar a vez para falar, falar e responder perguntas, oferecer, solicitar e agradecer ajuda, buscar aprovação por desempenho realizado, elogiar e agradecer elogios, reconhecer a qualidade do desempenho dos outros, atender pedidos, cooperar e participar de discussões.

Fonte: Del Prette; Del Prette, 2013 p. 46-47.

Diante disso, percebe-se que tais classes de resposta são fundamentais para o desenvolvimento saudável das relações interpessoais e habilidades acadêmicas na infância, se enquadrando como comportamentos adaptativos ou socialmente competentes. E em casos de transtornos como a deficiência intelectual e o autismo, as habilidades sociais podem surgir como parâmetro na avaliação do risco relacionado ao transtorno, quando são observados comprometimentos significativos nesse âmbito (Freitas; Del Prette, 2014).

Com tudo, é relevante trazer de que forma tais déficits se manifestam na infância, e os fatores que impactam na aprendizagem de comportamentos adaptativos em crianças típicas e

atípicas, essencialmente com o Transtorno do Espectro Autista. Além de apresentar, com isso, os vieses existentes entre a aquisição de habilidades sociais e as características associadas ao transtorno.

4.1 HABILIDADES SOCIAIS E A INFLUÊNCIA DE DÉFICITS COMPORTAMENTAIS NA INFÂNCIA

Trazendo o escopo das habilidades sociais para a infância, com base em Del Prette e Del Prette (2013), é nesta fase que a preparação para situações sociais começa a ocorrer, tendo em vista a interação com a família e com os pares em determinados contextos. Dessa forma, os autores ressaltam o papel da socialização para a criança, cuja função denota o arranjo de normas e regras de convivência e de relacionamento interpessoal, as quais a criança irá internalizar e se habituar.

Assim, no que tange às crianças, tais habilidades servem de base para que estas se comportem de modo adequado em situações públicas ou coletivas, minimizando maiores perdas como baixo desempenho escolar, pouca ou nenhuma relação de amizade ou proximidade com os pares; assim como a aquisição ou fortalecimento de possíveis transtornos mentais. Favorecem, ainda, a identificação e manifestação de comportamentos esperados ou socialmente competentes, contribuindo para um maior desempenho do indivíduo nas interações sociais e reconhecimento de seus objetivos, sentimentos e direitos (Del Prette; Del Prette, 2013; Del Prette; Del Prette, 2017). No entanto, também existem ocasiões nas quais este público poderá apresentar déficits em seu desempenho comportamental, que vêm a impactar o indivíduo nas situações sociais.

Os déficits em habilidades sociais surgem em contextos que dificultam o processo de aquisição comportamental, e podem estar associados ao desenvolvimento ou manutenção de transtornos psicológicos, como ansiedade e depressão, além do isolamento social e dificuldades de aprendizagem. Com isso, são vistos como fatores de risco que impactam o funcionamento psicossocial do sujeito, o qual, frente a determinadas exigências e demandas sociais não terá repertório e controle apropriado para agir nesse contexto, potencializando padrões não adaptativos, que podem suprir suas necessidades imediatas, mas influenciar negativamente o seu funcionamento relacional a longo prazo (Nobre, 2019).

Esses fatores também podem comprometer o âmbito das relações afetivas das crianças, uma vez que estas podem se comportar de modo mais contido e passivo, tendo padrões de resposta de timidez e de medo, em meio a acontecimentos sociais; ou mesmo,

comportar-se de forma agressiva e desproporcional a ocasião. Assim, na infância pode haver a manifestação de comportamentos internalizantes e externalizantes, cujas características estão associadas, às vezes, a quadros psiquiátricos (Rocca, 2015).

A avaliação de tais repertórios, chamados de comportamentos concorrentes, é algo fundamental para o entendimento dos déficits em habilidades sociais. Segundo Gresham (2013), os comportamentos concorrentes dificultam o desempenho ou impedem a aprendizagem de dada habilidade social. Aqueles que mantêm um padrão de “comportamentos internalizantes” comumente incluem o isolamento social, a ansiedade, e a depressão; já os “comportamentos externalizantes” indicam agressividade e hostilidade no campo interpessoal, além da possível quebra de regras.

Pode-se, ainda, classificar os déficits em duas categorias: os de aquisição e os de desempenho. Os de aquisição são ligados ao desconhecimento, ou dificuldade da criança em identificar modos de agir adequados em determinadas ocasiões. Já os de desempenho, indicam que a criança tem noção de como agir, porém, apresenta uma falha de desempenho, por falta de oportunidades de aprendizagem e consequenciação inadequada de comportamentos. Isso surge por meio de esquemas de reforçamento que favorecem alguns padrões em detrimento de outros; por exemplo, a criança é reforçada em um intervalo menor quando responde de forma agressiva, e em um intervalo maior quando tem uma ação pró-social (Gresham, 2013).

Em conformidade com o exposto, sabendo que déficits em habilidades sociais podem acarretar maior sofrimento perante as demandas sociais emergentes (Caballo, 2003), é importante salientar sobre essa manifestação em crianças com o desenvolvimento atípico, especificamente com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os déficits neste transtorno são potencializados por diversos fatores, haja vista maior dificuldade de crianças com TEA na comunicação e interação social, associadas a aspectos cognitivos, sensoriais e motores (APA, 2023). Portanto, cabe enfatizar possíveis estratégias de intervenção com maior rigor científico para o desenvolvimento de classes de comportamento pró-social em crianças autistas.

5 LINHAS DE INTERVENÇÃO PARA O TEA E PRÁTICA BASEADA EM EVIDÊNCIAS

Ao longo da pesquisa foram discutidos aspectos relacionados ao Transtorno do Espectro Autista (histórico e terminologia diagnóstica) e as habilidades sociais na infância. Cabe ainda aprofundar as práticas interventivas ligadas ao TEA. Nesse sentido, focaliza-se

nas Práticas Baseadas em Evidências (PBE), pois são os métodos com maior comprovação científica e com maiores resultados direcionados ao tratamento de transtornos como o autismo, no que diz respeito a estratégias interventivas para o desenvolvimento de comportamentos adaptativos e consequente autonomia e qualidade de vida da pessoa com TEA (Lacerda, 2020).

O movimento da PBE surgiu inicialmente do campo da medicina, cuja necessidade de tratamentos eficazes potencializou a busca pelos meios mais seguros, que gerem um impacto positivo para a saúde dos pacientes; sendo ampliado para outras áreas como a da psicologia (Leonardi *et.al*, 2023). Intervenções baseadas em evidência seguem critérios colocados em uma escala hierárquica, a qual poderá indicar a melhor evidência para determinada intervenção, com base nos níveis de credibilidade encontrados nas pesquisas. Tais níveis variam das mais relevantes para as menos relevantes; sendo as pesquisas com maior evidência, aquelas advindas de revisões sistemáticas e pesquisas clínicas; e as de menor eficácia, são providas de experiência clínica ou da opinião de especialistas (Dozois *et. al*, 2014; Reed et al., 2006 *apud* Leonardi, *et.al*, 2023).

Considerando o campo de estudo voltados para o TEA, foi realizada uma revisão sistemática pelo *National Professional Developmental Center – NPDC*, no ano de 2015, em forma de artigo científico, com uma atualização em 2020 (Steinbrenner *et. al*, 2020), que avaliou a literatura disponível, com um olhar para intervenções globais ou abrangentes e focais, estabelecendo diante seus achados que existem 28 intervenções focais baseadas em evidência para o TEA, sendo elas:

1. Intervenções baseadas no antecedente (ABI);
2. Comunicação Alternativa e Aumentativa;
3. Intervenção Momentum Comportamental;
4. Cognitivo Comportamental/ Estratégias de Instrução;
5. Reforçamento Diferencial de Alternativo, Incompatível ou Outros Comportamentos;
6. Instrução Direta;
7. Ensino por Tentativas Discretas (DTT);
8. Exercício e Movimento (EXM);
9. Extinção (EXT);
10. Avaliação Funcional do Comportamento;
11. Treino de Comunicação Funcional (FCT);
12. Modelação;
13. Intervenção Mediada por Música (MMI);
14. Intervenção Naturalística;
15. Intervenção Implementada por Pais;
16. Instrução e Intervenção Mediadas por Pares (PBII);
17. Dicas (Prompting);
18. Reforçamento;
19. Interrupção e Redirecionamento da Resposta (RIR);
20. Autogerenciamento (SM);
21. Integração Sensorial;
22. Narrativas Sociais (SN);
23. Treino de Habilidades Sociais;
24. Análise de Tarefas (TA);
25. Instrução e Intervenção Assistida por Tecnologia (TAII);
26. Atraso de tempo (TD);
27. Videomodelação (VM);
28. Suportes Visuais (VS) (Steinbrenner *et. al*, 2020, p. 28-29).

Diante do supracitado, tem-se que a maioria das práticas ou técnicas avaliadas tem embasamento na área comportamental, especificamente na Análise do Comportamento. No entanto, é relevante pontuar que algumas dessas intervenções abrangem outras áreas de conhecimento como a Terapia Cognitiva Comportamental, a Fonoaudiologia e a Terapia

Ocupacional, não sendo apenas provenientes da ABA. Porém, tratando daquelas de cunho comportamentalista, sua relevância é percebida com base em aspectos relacionados ao auxílio e desenvolvimento da pessoa com autismo, que ocorre em diversas esferas como a social e a educacional, por meio de programas e de estratégias de ensino, as quais são gerenciadas e planejadas por profissionais analistas do comportamento capacitados (Brasil, 2015; Steinbrenner *et. al*, 2020).

Conforme a discussão acerca dos déficits comportamentais na infância e na especificidade do autismo, cabe salientar como esses padrões são manifestos nessas crianças, considerando as características do transtorno, as quais, por vezes, podem potencializar a dificuldade de emissão de respostas socialmente competentes, acarretando prejuízos sociais e emocionais. Por fim, será apresentado o papel da Análise do Comportamento Aplicada, cuja contribuição pode facilitar o desenvolvimento do repertório interpessoal em crianças com TEA (Barreto; Da Silva; Dourado, 2022).

6 DÉFICITS EM HABILIDADES SOCIAIS NO TEA E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

Sabe-se que a manifestação do TEA ocorre ainda na infância, surgindo, em alguns casos, de forma mais nítida, quando seu desempenho é solicitado em meio a demandas sociais (Passarelli *et.al*, 2023). Neste período inicial, é importante estar atento a alguns marcos e características do desenvolvimento, com o intuito de prever e intervir precocemente em possíveis atrasos. Portanto, entende-se que critérios relativos à comunicação e interação com o meio social são relevantes para constatar o diagnóstico, posto que, em alguns casos, as comorbidades podem estar associadas (APA, 2023).

A deficiência intelectual, quando presente, pode interferir nos comportamentos adaptativos e funcionais do sujeito. E os transtornos da linguagem e da comunicação, podem acarretar atrasos ou dificuldades na linguagem, a qual pode ser mínima ou inexistente; e também, apresentar padrões incomuns de fala como a ecolalia (repetição); assim como dificuldades com a linguagem receptiva (compreensão) ou expressiva (expressão) (Bernier; Dawson; Nigg, 2021).

Dessa forma, crianças autistas podem ser afetadas socialmente, já que as características do transtorno são pouco compreendidas e difundidas, levando ao estigma e ao afastamento dos pares. Isso pode ocasionar questões emocionais na criança que, por vezes, não consegue expressar aquilo que sente, tendendo a se isolar ou a apresentar

comportamentos disruptivos ou interferentes, os quais podem dificultar o processo de aprendizagem de novas habilidades (Bernier; Dawson; Nigg, 2021). Por tais fatores, a avaliação médica, em casos que haja necessidade medicamentosa, e o treino comportamental, para minimizar déficits e ampliar o repertório de habilidades da criança, surgem como terapêuticas fundamentais nestes casos (Volkmar; Wiesner, 2019).

Em uma pesquisa realizada por Freitas e Del Prette (2013), que avaliou semelhanças e diferenças no repertório de habilidades sociais de crianças com necessidades especiais variadas, incluindo o autismo, constatou que esse grupo foi o segundo que apresentou menores escores em habilidades sociais. E essa classificação está associada à própria sintomatologia do transtorno, cujos dados confirmam comprometimentos na comunicação e interação social, interesses e comportamentos restritos, que são ligados a problemas de comportamento, deficiência intelectual, em alguns casos; e ao impacto nas relações de amizade, pela baixa reciprocidade social (APA, 2023).

Os autores ainda enfatizam que as crianças com TEA apresentaram menor desempenho em habilidades complexas como asserção positiva, autocontrole e autodefesa. Por isso, intervenções voltadas para esse público devem iniciar o treino comportamental com habilidades mais básicas, ou seja, de pré-requisito como iniciar e responder a interação social, cumprimentar os outros e fazer perguntas, para posteriormente adquirir as mais substanciais. As intervenções pautadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA), têm evidências significativas acerca de programas educacionais e terapêuticos voltados para pessoas com autismo, colocando as habilidades sociais e comportamentos concorrentes como comportamentos-alvo dos programas de ensino. E contribuindo com a ampliação do repertório dessas crianças, com o desenvolvimento de habilidades, autonomia e consequente qualidade de vida (Freitas; Del Prette, 2013; Duarte; E Silva; Velloso, 2018).

6.1 INTERVENÇÕES ABA PARA O DESENVOLVIMENTO DE REPERTÓRIO SOCIAL EM CRIANÇAS COM AUTISMO

As intervenções comportamentalistas, que são feitas com base nos princípios da aprendizagem da ciência ABA, advinda do Behaviorismo Radical de Skinner (Carvalho Neto, 2002), tem por objetivo o desenvolvimento da variabilidade comportamental, adaptação e generalização de comportamentos. Isso tudo é possível pois estas práticas são pautadas no caráter operacional das intervenções, as quais utilizam da análise funcional como ferramenta para avaliar como e por que um indivíduo se comporta, do modo que se comporta, em

determinado contexto. Observando, também, as contingências de reforçamento envolvidas no processo de aquisição e manutenção do padrão comportamental; tal qual a diminuição de sua frequência ou extinção (Moreira; Medeiros, 2007).

A ciência comportamental, de fundação Skinneriana, foi desenvolvida com base em três pilares: a filosofia da ciência, que é o behaviorismo radical; a análise experimental do comportamento, que viabiliza o estudo e a testagem de técnicas e procedimentos em contexto reduzido garantindo maior controle das variáveis observadas, além da validação de dados empíricos; e a análise do comportamento aplicada, que utiliza das tecnologias estudadas experimentalmente, e dos conceitos filosóficos da teoria, para intervir em diferentes contextos e com públicos diversos, onde haja pessoas e a manifestação de comportamentos, seja em clínicas, escolas, organizações, e rede de saúde pública (Carvalho Neto, 2002).

O behaviorismo radical é conhecido como a filosofia da ciência, por trazer os primeiros pressupostos, fundamentais para a compreensão do comportamento humano e formação do que viria a ser a análise do comportamento e de suas vertentes; logo, é uma visão de mundo na qual corpo e mente não se dissociam, sendo o organismo uma totalidade (Moreira; Medeiros, 2007). Sob esta ótica, os estados ou eventos internos passaram a ser considerados, já que o próprio indivíduo poderia observá-los. E através da comunidade verbal e da linguagem, poderia expressá-los, permitindo a observação de terceiros sobre aquilo que classificam como pensamentos, sentimentos e sensações corporais (Skinner, 2006).

Skinner, foi responsável pela conceituação do que seria o comportamento operante, o qual, diferentemente do respondente, permitiria a compreensão de contingências mais complexas que vão além do modelo estímulo-resposta do comportamento reflexo, proposto nos estudos behavioristas metodológicos de Watson. Assim, passou a ressaltar o modo como o indivíduo agiu ou como se comportou, em que ocasião, e as consequências de sua resposta sobre o ambiente, que fortalecem, mantêm ou diminuem a frequência de tal resposta voltar a ocorrer (Moreira; Medeiros, 2007).

Tais observações propiciaram o desenvolvimento daquilo que pode ser chamado de tríplice contingência ou análise funcional do comportamento, que como supracitado irá operacionalizar a avaliação comportamental, levando em consideração a dependência entre eventos. Nesse viés, diante de uma ocasião é possível avaliar a função do comportamento (motivação e objetivo da resposta), em detrimento de sua topografia (ações e sintomas, por exemplo); e os determinantes comportamentais, advindos da história de vida do sujeito (Nery; Fonseca, 2018), que concede a natureza idiossincrática às intervenções.

Dessa forma, tem-se que a Análise do Comportamento foi embasada em princípios que contribuem para o desenvolvimento eficaz de respostas socialmente competentes ou relevantes. Isso se dá diante seu caráter operacional que considera sete dimensões para maior funcionalidade da teoria para a comunidade, sendo a ABA uma ciência que comporta a dimensão *aplicada*; *comportamental*; *analítica*; *tecnológica*; *sistemática*; de *eficácia*; e da *generalidade* (Sella; Ribeiro, 2018).

Atualmente tem sido trazida a discussão acerca dos procedimentos da ABA que diante algumas críticas, advindas de pesquisadores e da própria comunidade neurodiversa, vem passando por uma reformulação, no que diz respeito a ideia de que essas práticas visariam apenas a padronização e o lucro. No entanto, sabe-se que essa ciência sempre visou o bem estar social e usa de críticas como estas para desenvolver melhor sua teoria e aplicação. Sob esse cenário, desenvolve a sua oitava dimensão, a *compaixão* (Penney *et. al*, 2023).

Tal dimensão enfatiza a natureza individualizada das intervenções e ações realizadas de acordo com os interesses e os valores dos responsáveis, e a motivação da criança atendida, com base em cinco princípios: (1) beneficência; (2) inclusão; (3) excelência profissional; (4) autodeterminação; e (5) justiça social. Possibilitando, também, adaptações interventivas com base em fatores contextuais e na mobilização de contingências, considerando os comportamentos socialmente relevantes para determinada família ou comunidade, e o questionamento de quando o comportamento apresenta ou não prejuízos à criança, para avaliar a necessidade de retirada ou modificação da resposta (Penney *et. al*, 2023).

Antes da intervenção deve-se avaliar o comprometimento existente nas áreas de comunicação e interação social, onde as crianças costumam não ter comportamentos adequados na convivência com outras pessoas e, por vezes, não se interessam pelo que o outro faz; não conseguem fazer contato visual e nem tocar ou ser tocado por alguém (isso pode ser associado a fatores sensoriais). Costumam brincar sozinhos e ter as pessoas como instrumento para conseguir algo (puxando pelo braço, por exemplo), tendo dificuldades de informar suas necessidades. Podem ou não ter comportamentos agressivos e autolesivos, e ter insensibilidade a elogios, os quais devem ser dados com maior entusiasmo. E por fim, podem ter maior dificuldade em aprender, sendo relevante a prática de repetição das atividades, através de intervenções intensivas (Borba; Barros, 2018).

Em conformidade com os princípios da aprendizagem, é possível inferir que apesar de crianças com TEA apresentarem déficits persistentes em áreas fundamentais para a interação e realização de tarefas cotidianas, podem ter seu repertório potencializado com o treino adequado. E quando se trata de habilidades sociais, que são imprescindíveis para garantir a

inclusão de pessoas com autismo na comunidade, considera-se novamente a sua aquisição por meio dos pressupostos da Análise do Comportamento Aplicada (Sella; Ribeiro, 2018).

A literatura acerca das habilidades sociais é vasta, e por isso, faz-se necessário mensurar a existência de classes de resposta melhor delimitadas para pessoas com Transtorno do Espectro Autista, de acordo com a ABA. Então foi desenvolvido um manual de habilidades sociais por Mckinnon e Krempa (2002 *apud* Passarelli *et.al*, 2023), que se divide em unidades de comportamentos:

Tabela 2. Descrição das Habilidades Sociais presentes no Manual de Mckinnon e Krempa (2002)

HABILIDADE SOCIAL	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS DE COMPORTAMENTOS
ATENÇÃO COMPARTILHADA/ PARTICIPAÇÃO CONJUNTA:	Habilidades que envolvem demonstrar interesse ou prazer compartilhado. Envolve a capacidade de reconhecer outras pessoas em nosso mundo e atender a estímulos relevantes a sua volta.	-Olhar em direção de um objeto ao mesmo tempo que outro indivíduo; -Entregar um objeto para outra pessoa.
CUMPRIMENTOS:	Capacidade de reconhecer e cumprimentar adequadamente outras pessoas, gerenciando seu corpo e espaço pessoal.	-Acenar para outra pessoa. -Iniciar uma conversa (e.g. Olá, me chamo...). - Finalizar uma conversa (e.g. Preciso ir...).
BRINCADEIRA SOCIAL/JOGO SOCIAL:	Interagir com outras pessoas, em contextos sociais e de brincadeira de maneira apropriada.	-Esperar sua vez no jogo. -Compartilhar objetos.
AUTO-REGULAÇÃO:	Habilidades relacionadas a demonstrando flexibilidade e capacidade de regular reações comportamentais em resposta a mudanças inesperadas, cometer erros, receber feedback corretivo ou outras situações difíceis.	-Dar a vez ao outro jogador quando responder errado no jogo. -Desculpar-se quando for avisado que não seguiu a regra.
CONVERSAÇÃO/LINGUAGEM SOCIAL:	Habilidades relacionadas ao uso da linguagem para responder, iniciar e manter vários níveis de interação social. Reconhecer e responder à linguagem/ conversa de outra pessoa com atenção e iniciando e sustentando conversas de maneira apropriada e inteligível.	Perguntar ao outro sobre jogo favorito. -Responder sobre seu jogo favorito. -Descrever características do jogo favorito.
TOMADA DE PERSPECTIVA:	Habilidades relacionadas à identificação e resposta adequada a diferentes emoções em si e nos outros, demonstrar empatia, compaixão para com o outro e adaptar o seu comportamento de	-Oferecer ajuda quando vê alguém chorando. -Dividir lanche quando o colega esqueceu de levar.

	forma adequada.	
RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS:	Desenvolver ou exercer as habilidades de acalmar-se diante de uma situação problema, planejamento, pensar antes de tomar decisões, reconhecer e nomear diferentes tipos de problemas, identificar e avaliar possíveis alternativas de solução.	-Pedir um lápis emprestado a um colega, quando o objeto for esquecido em casa. -Pedir ajuda a um adulto quando cair e se machucar.
LINGUAGEM AVANÇADA:	Habilidades que envolvem pragmática, incluindo a interpretação de pistas sociais e inferências. Linguagem corporal e interpretar pistas visuais. Compreender e relatar a ideia principal de uma história.	-Descrever os elementos mais importantes de uma história. -Selecionar aspectos relevantes de uma história.
SOCIAL / EMOCIONAL:	Habilidades relacionadas à identificação e resposta adequada a diferentes emoções em si e nos outros.	-Identificar que um colega está triste e perguntar o que aconteceu.
COMPORTAMENTO DE SALA DE AULA / GRUPO:	Habilidades relacionadas ao cumprimento das regras e atender às expectativas estabelecidas pelos adultos ou que são necessárias para o grupo.	-Pedir autorização para ir ao banheiro. -Levantar a mão para falar

Fonte: Passarelli *et.al*, 2023 p. 87.

Os autores trazem, ainda, achados recentes que comprovam cientificamente a eficácia de alguns procedimentos baseados em ABA para o desenvolvimento de habilidades sociais em crianças com autismo. Estes precisamente englobam o treino das unidades de comportamento mais básicas, das habilidades de cumprimento e conversação, brincadeira social e tomada de perspectiva; e são ensinados através de vídeo modelação, *script fading*, treino de múltiplos exemplares e uso de instruções. Isso possibilita a generalização de habilidades para outros contextos, no entanto, em alguns casos, onde não foi possível fazer o acompanhamento longitudinal dos aprendizes, os efeitos da intervenção podem ser minimizados perante a ausência de consequenciação adequada (Passarelli *et.al*, 2023).

O treino de condutas adaptativas em crianças com TEA pode ocorrer, por exemplo, por meio da técnica de Ensino por Tentativas Discretas (DTT), uma ferramenta de ensino mais estruturada. Através disso é possível dividir o comportamento-alvo em pequenos passos, os quais envolvem os tipos de ajuda (física, verbal, gestual- totais ou parciais) que devem ser dadas para facilitar a emissão do comportamento (Ferreira; Silva; Barros, 2016). Dessa forma, o ensino é feito gradualmente em várias tentativas, nas quais ocorre a repetição do ensino e a

apresentação de instruções, que pode envolver o uso de ajuda ou dicas, e o reforçamento (natural e arbitrário), usado em caso de respostas adequadas para aumentar a sua frequência (Borba; Barros, 2018).

As dicas ou *prompts* são utilizadas como alternativa ao erro, o qual pode gerar respostas emocionais e fuga da demanda em algumas situações. E devem ser esvanecidas, de acordo com o desempenho da criança, ou seja, é feita a retirada de estímulos que controlam as respostas do sujeito. Assim, essa retirada pode ser gradual (*fading out*) para que a criança consiga ter maior autonomia para a aquisição da aprendizagem (De Melo; Hanna; Carmo, 2014).

De acordo com o exposto, percebe-se que os treinos comportamentais são complexos e devem considerar a particularidade de cada caso. O ensino de habilidades pode ocorrer por DTT, como já mencionado, mas também de forma menos estruturada, através do Ensino Incidental, o qual aproveita o ambiente natural e situações do dia a dia para modelar habilidades na criança, mediando contingências (Borba; Barros, 2018). Deste modo, o treino com estratégias Naturalísticas irá considerar a motivação da criança, possibilitando a aprendizagem baseada em reforçamento natural (Barreto; Da Silva; Dourado, 2022).

Além disso, sabendo que boa parte das crianças autistas têm barreiras associadas à aquisição de habilidades mais complexas, como as sociais, é importante começar das menos substanciais. E para isso, é necessário que haja o desenvolvimento de currículos e programas de ensino para cada habilidade (Borba; Barros, 2018). O ensino de habilidades básicas ou de pré-requisito, como sentar e prestar atenção, focaliza respostas que favorecem a modelagem do responder mais complexo. O processo de desenvolvimento de repertório ocorre com base em um estímulo antecedente e em consequências que podem ampliar a probabilidade da criança responder com maior acurácia a estimulação ambiental, com o acesso a reforçadores/recompensas e ajuda, que gradualmente devem ser retirados visando a resposta independente do aprendiz (Volkmar; Wiesner, 2019).

Nesse sentido, na primeira infância, a criança com TEA pode se deparar com demandas sociais, principalmente em contexto escolar, e sofrem com dificuldades ligadas a saber como reagir em algumas situações. Entendendo que crianças neurotípicas tem maior facilidade em aprender habilidades, muitas vezes por observação, é necessário desenvolver estratégias que contribuam com a manutenção de autistas no espaço da sala de aula, e em ambientes com os pares, já que o contexto social favorece a aquisição de habilidades interpessoais (Sanini; Sifuentes; Bosa, 2013; Barreto; Da Silva; Dourado, 2022).

Essas classes de resposta podem ser desenvolvidas através do ensino de contato visual, atenção compartilhada, seguimento de instruções, e engajamento em atividades em grupo. Possibilitando, assim, às mais complexas, como habilidades emocionais, de autocontrole, expressividade emocional e comunicação, as quais favorecem a solução de problemas, fazem parte do padrão considerado esperado socialmente, e podem contribuir com os relacionamentos sociais (Del Prette; Del Prette, 2013; Barreto; Da Silva; Dourado, 2022).

Alguns estudos trazem, ainda, a possibilidade do uso de procedimentos para desenvolvimento de competência social, como os de vídeo modelagem e modelagem, histórias ou narrativas sociais, e o uso de softwares, ambientes virtuais de aprendizagem ou jogos interativos, que auxiliam no processo de aquisição de habilidades sociais. Tais procedimentos podem facilitar a aprendizagem de pessoas com autismo, haja vista a reprodução do comportamento previamente testado no ambiente natural e com os pares, possibilitando maior conhecimento e previsibilidade de possíveis situações (Santos-Carvalho *et.al*, 2014; Sousa; De Araújo; Barbosa, 2022).

Nessa conjuntura, percebe-se que o autismo é perpassado por déficits significativos em áreas que são importantes para a interação social e conseqüente inclusão em contexto escolar. E as estratégias de intervenção pautadas em princípios comportamentais, surgem como facilitadoras na mediação do ensino de habilidades básicas e da competência social de crianças com TEA, concedendo maior variabilidade comportamental, autonomia e qualidade de vida para essas crianças.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho vislumbrou a compreensão dos déficits de habilidades sociais em crianças com TEA, levando em consideração a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) como prática terapêutica eficaz para a obtenção e manutenção de comportamentos socialmente relevantes. Foi visto que, a falta de repertório em meio a demandas sociais faz com que pessoas neurodivergentes busquem outras formas para fazer solicitações ou demonstrar suas necessidades e sentimentos, podendo acarretar na manifestação de comportamentos desadaptativos ou interferentes, que costumeiramente não são socialmente aceitos gerando a exclusão da criança e prejuízos emocionais.

Desse modo, foi possível difundir como pode ocorrer a aquisição de habilidades sociais na infância, sabendo que a compreensão dessa dimensão é importante para que crianças autistas tenham maior acesso a intervenções que previnam e minimizem danos, e que

possam ser adaptadas de acordo com as suas necessidades; com base em sua singularidade, e nas variáveis ambientais e contextuais que envolvem sua realidade. Tal público tem características próprias que, por vezes, apresentam riscos e barreiras para a aquisição de repertórios socialmente competentes; por isso, as intervenções visam a construção de currículos individualizados que direcionem melhor o tratamento e garanta a sua eficácia.

Portanto, constatou-se que os estudos que utilizam a ABA como parâmetro de avaliação e intervenção em quadros como o autismo, têm sido cientificamente comprovados, e colaborado com a aprendizagem e generalização de habilidades por crianças com TEA. Tendo isso em vista, esta pesquisa conseguiu coletar informações pertinentes acerca da construção de dados sobre habilidades sociais e adaptações à população neuroatípica; além de dados acerca da percepção da manifestação dos déficits em habilidades sociais neste público, e o treino comportamental.

Isso fomentou a reflexão acerca de como a ABA tem funcionado na contemporaneidade, mediante críticas sobre seu modelo, permitindo a reestruturação de estratégias para melhor atender as demandas da comunidade de acordo com os princípios correspondentes a oitava dimensão dessa ciência, a compaixão, que considera a beneficência, a inclusão, a excelência profissional, a autodeterminação e a justiça social. Logo, foi possível visualizar a discussão de estratégias comportamentais e programas de ensino que contribuem com a variabilidade do responder e a ampliação do contato interpessoal com os pares, promovendo maior qualidade de vida em crianças autistas de acordo com sua individualidade, com os valores da família e o contexto de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5.ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ARAÚJO, A. G. R.; SILVA, M. A. DA.; ZANON, R. B. Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p.e247367, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/S5FdcTLWS9bPdJwPXcdmnHz/#>. Acesso em: 05 de abril de 2024.

ASSUMPTÃO JR, F. B.; KUCZYNSKI, E. **Autismo: Conceito E Diagnóstico**. In: SELLA, A. C.; RIBEIRO, D.M. *Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista*. Curitiba: Appris, 2018.

BARRETO, A.P.S.D.O; DA SILVA, A.R; COSTA, F. S; DOURADO, N.D.F.S. **Ensino de habilidades básicas e o processo de aprendizagem da pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. In: CORRÊA, F.H; QUEDAS, C.L.R; GORLA, J.I. Autismo: reflexões e perspectivas [recurso eletrônico]. Ponta Grossa: Aya, 2022. 136 p. Disponível em: <https://ayaeditora.com.br/wp-content/uploads/2022/02/L90.pdf>. Acesso em: 18 de maio de 2024.

BERNIER, R.A.; DAWSON, G.; NIGG, J.T. **O que a ciência nos diz sobre o transtorno do espectro autista: fazendo as escolhas certas para o seu filho**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2021.

BOLSONI-SILVA, A.T.; CARRARA, K. Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas. **Psicologia em revista**, v. 16, n. 2, p. 330-350, 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2010v16n2p330>. Acesso em: 28 de abril de 2024.

BORBA, M.M.C; BARROS, R.S. **Ele é autista: como posso ajudar na intervenção**. Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo. Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018. Disponível em: <https://abpmc.org.br/wp-content/uploads/2021/08/1521132529400bef4bf.pdf>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

BRASIL. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 86 p. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf. Acesso em: 15 de set de 2023.

BRASIL. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 156 p. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf. Acesso em: 18 de nov de 2023.

CABALLO, V. E. **Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais**. São Paulo: Santos, 2003.

CARVALHO NETO, M. B. Análise do comportamento: behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. **Interação psicol**, p. 13-18, 2002.

CORREIA, D. S. D.; ALVES, M. F. V.; FERREIRA, G. C. S. Processo Diagnóstico do Autismo e Impacto na Dinâmica Familiar: Uma Revisão Bibliográfica. **Epitaya E-books**, [S. l.], v. 1, n. 34, p. 73-85, 2023. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/736>. Acesso em: 24 nov. 2023.

DE MELO, R. M; HANNA, E. S.; CARMO, J. D. S. Ensino sem erro e aprendizagem de discriminação. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 1, p. 207-222, abr. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 17 maio 2024.

DEL PRETTE, A. D.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático**. Petrópolis: Vozes, 2017.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. D. **Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: teoria e prática**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

DUARTE, C.P; E SILVA, L. C; VELLOSO, R.D.L. **Estratégias da Análise do Comportamento Aplicada para pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2018.

FACION, J. R. **Transtorno Autista e Psicose na Criança- Histórico**. In: Facion, J. R. Transtornos Invasivos do Desenvolvimento e Transtornos de Comportamento Disruptivo. (pp. 19-64). Curitiba: Editora Index, 2005.

FERREIRA, L. A.; SILVA, Á. J. M.; BARROS, R.D.S. Ensino de aplicação de tentativas discretas a cuidadores de crianças diagnosticadas com autismo. **Perspectivas**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 101-113, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482016000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 17 maio 2024.

FERREIRA, L. B. P. Um percurso sobre o autismo: história, clínica e perspectivas. **Cadernos Deligny**, 1(1), 9-9, 2018.

FREITAS, L. C.; DEL PRETTE, Z. A. P. Categorias de necessidades educacionais especiais enquanto preditoras de déficits em habilidades sociais na infância. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 27, p. 658-669, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/CQwMCYVGN9tMcWVsd3Yffj/?lang=pt>. Acesso em: 28 de abril de 2024.

GAIATO, M; TEIXEIRA, G. **O Rezinho Autista: Guia para lidar com comportamentos difíceis**. São Paulo: Versos, 2018.

GOMES, C.G.S.; SILVEIRA, A. D. **Ensino de habilidades básicas para pessoas com autismo: manual para intervenção comportamental intensiva**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016. 215 p.

GRESHAM, F. M. **Análise do comportamento aplicada às habilidades sociais**. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 17-66.

LACERDA, L. **Práticas Baseadas em Evidências e o autismo**. In: LIBERALESSO, P.; LACERDA, L. **Autismo: compreensão e práticas baseadas em evidências**. Curitiba: Marcos Valentim de Souza, 2020.

LEONARDI, J. L.; MÁCIMO, T.; BACCHI, A. D.; JOSUA, D. Ciência, Análise do Comportamento e a Prática Baseada em Evidências em Psicologia. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S. l.], p. 097–119, 2023. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/962>. Acesso em: 17 nov. 2023.

LIBERALESSO, P. **Transtorno do Espectro Autista: Evidências Científicas no Campo das Intervenções Terapêuticas.** In: LIBERALESSO, P.; LACERDA, L. *Autismo: compreensão e práticas baseadas em evidências.* Curitiba: Marcos Valentim de Souza, 2020.

MOREIRA, M.B; MEDEIROS, C.A. **Princípios básicos de Análise do Comportamento.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

NERY, L.B; FONSECA; F.N. **Análises funcionais moleculares e molares: um passo a passo.** In: DE FARIAS, A.K; FONSECA; F.N; NERY, L.B. *Teoria e Formulação de Casos em Análise Comportamental Clínica.* Porto Alegre: Artmed, 2018.

NOBRE, M. R. **Habilidades sociais e ansiedade social na infância e Adolescência: correlações e comparações entre grupos.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019, 81 p.

PASSARELLI, D. A.; BASSETTI, I.; CARRENHO, E. H. .; DEFINO, A. C. B. S. **Treino de Habilidades Sociais em Crianças e Adolescentes com Autismo: Uma Revisão de Artigos Empíricos. Perspectivas em Análise do Comportamento,** [S. l.], p. 084–096, 2023. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/1013>. Acesso em: 28 de abril de 2024.

PENNEY, A.M., BATEMAN, K.J., VEVERKA, Y.; LUNA, A; SCHWARTZ, I.S. **Compassion: The Eighth Dimension of Applied Behavior Analysis. Behav Analysis Practice,** 2023. <https://doi.org/10.1007/s40617-023-00888-9>.

PONCE, J. O.; ABRÃO, J. L.F. **Autismo e inclusão no ensino regular: o olhar dos professores sobre esse processo. Estilos clin.** São Paulo, v. 24, n. 2, p. 342-357, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282019000200014&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 03 de nov de 2023.

ROCCA, C.C.D.A. **Habilidades sociais? Para quê?.** In: RODRIGUES, C.L; FOLQUITTO, C.T. *Habilidades Sociais: Desenvolvendo as relações.* 1 ed. Sinopsys editora, 2015. 64 p.

SANINI, C.; SIFUENTES, M.; BOSA, C. A. **Competência social e autismo: o papel do contexto da brincadeira com pares. Psicologia: Teoria e Pesquisa,** v. 29, n. 1, p. 99–105, jan. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/jx5ywJwLtym87Zz6VnLwYmH/#>. Acesso em: 18 de maio de 2024.

SANTOS-CARVALHO, L. H. Z; LUCCHESI, F. F. M; DEL PRETTE, A; VERDU; A. C. M. A. **Treinamento de Habilidades Sociais e Transtorno do Espectro Autista: Revisão Sistemática.** Congresso Brasileiro de Educação Especial. 2014.

SELLA, A. C.; RIBEIRO, D.M. **Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista.** Curitiba: Appris, 2018.

SKINNER, B.E. **Sobre o behaviorismo.** 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUSA, C. A. F.; ARAÚJO, H. J. N. de; BARBOSA, M. F. **Ensino de habilidades sociais para pessoas com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática.** Revista

Educação Especial, [S. l.], v. 35, p. e19/1–16, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/65428>. Acesso em: 18 maio. 2024.

STEINBRENNER, J. R., HUME, K., ODOM, S. L., MORIN, K. L., NOWELL, S. W., TOMASZEWSKI, B., SZENDREY, S., MCINTYRE, N. S., YÜCESOY-ÖZKAN, S., SAVAGE, M. N. **Evidence-based practices for children, youth, and young adults with Autism**. The University of North Carolina at Chapel Hill, Frank Porter Graham Child Development Institute, National Clearinghouse on Autism Evidence and Practice Review Team, 2020.

TEIXEIRA, G. **Manual do autismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.

VASCONCELOS, A. F.; FREIRES, K. C. P.; GOMES, L. E. S.; CARVALHO, S. T. A.; PONTES, R. J. S. Implicações histórico-sociais do Transtorno do Espectro Autista. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 15, n. 43, p. 221–243, 2023. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/1655>. Acesso em: 15 set. 2023.

VOLKMAR, F. R.; WIESNER, L. A. **Autismo**: guia essencial para compreensão e tratamento. Porto Alegre: Artmed Editora, 2019.